

## De guerrilheiros urbanos a escritores de ficção política: Brasil, 1977-1984.

Mário Augusto Medeiros da Silva\*

**Resumo:** Ao final dos anos 1970, saíam das prisões ou começariam a retornar do exílio antigos guerrilheiros urbanos que participaram de ações armadas no Brasil, no período compreendido entre 1967 e 1971. A realidade social que eles encontram, quase uma década depois, já não é a mesma do final dos anos 1960. O papel que eles poderiam desempenhar nessa nova realidade também encontra-se alterado. Ao mesmo tempo, a partir de 1977, um fenômeno importante acontece: surgem romances, memórias e ficções políticas produzidos por aqueles ex-guerrilheiros, agora convertidos em escritores. O primeiro romance de um ex-guerrilheiro urbano é o de Renato Tapajós (*Em Câmara Lenta*, 1977), seguido por Reinaldo Guarany Simões (*Os Fornos Quentes*, 1978; *A Fuga*, 1984), Fernando Gabeira (*O que é isso, companheiro?*, 1979), Alfredo Sirkis (*Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*, 1980), entre outros autores. Eles fazem um balanço de suas trajetórias anteriores, a partir do memorialismo, numa perspectiva crítica (e não derrotista). Trata-se de um acerto de contas com o passado e o presente de então, que lhes colocam em confronto com outros sujeitos sociais, tendo que dialogar e estabelecer relações com movimentos de negros, mulheres, homossexuais, operários etc. todos engajados na luta pela redemocratização da sociedade brasileira. O interesse deste artigo é discutir o surgimento dessas memórias, relatos e ficções, tomando como hipótese a idéia que elas sirvam como instrumentos de reconversão social de seus autores na nova realidade encontrada por eles, e por seus grupos sociais de origem, no período em que publicam aquelas narrativas.

**Palavras-chave:** Brasil (1964-1985); Ditadura; Literatura Brasileira; Literatura e Sociedade; Literatura de Testemunho.

**Abstract:** By late 1970, came out of prison and begin to return from exile former urban guerrilla activists who participated in armed actions in Brazil in the period between 1967 and 1971. The social reality that they are, almost a decade later, is not the same as the late 1960s. The role they could play in this new reality also is changed. At the same time, from 1977, an important phenomenon occurs: arise novels, memoirs and political fictions produced by those ex-guerrillas, now converted into writers. The first novel by a former urban guerrilla activist is to Renato Tapajós (*Em Câmara Lenta*, 1977), followed by Reinaldo Guarany Simões (*Os Fornos Quentes*, 1978, *A Fuga*, 1984), Fernando Gabeira (*O que é isso, companheiro?*, 1979), Alfredo Sirkis (*Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, 1980), among others. They make an assessment of their careers earlier, from the memorial, by a critical perspective. This is a reckoning with the past and present then put them in confrontation with other social subjects, and have to dialogue and establish relations with the movement of blacks, women, homosexuals, workers, etc. all engaged in the struggle for democratization of Brazilian society. The interest of this paper is to discuss the emergence of these memories, stories and fictions, on the assumption the idea that they serve as instruments of social conversion of the authors of the new realities faced by them, and their social groups of origin in the period publish those stories.

**Key words:** Brazil (1964-1985); Dictatorship; Brazilian Literature; Literature and Society; Testimony Literature.

**Oligarquia, comunismo e uma leitura francesa de marx.**

Nos anos 1930, em Belém do Pará, chegava ao fim uma guerra entre famílias, objetivando deter o poder do Estado. Guerra histórica, datada desde os meados do século XIX, entre aquelas duas famílias e tantas outras, alternando-se nos espaços de poder, a luta se dava entre os Malcher e os Sarmiento, acirrada pelo declínio e ascensão de um ou outro grupo, em função de singularidades históricas e dinâmicas do Capitalismo. Belém do Pará era um pólo econômico importante, motor e dependente da economia do ciclo da borracha. Já no começo do século XIX, Belém começa a assumir aspectos de grande capital, quando ruas eram calçadas com paralelepípedos de granito (importado de Portugal), surgindo os grandes edifícios públicos, os serviços telegráficos através de cabos submarinos, a drenagem dos alagados, o sistema de iluminação a gás e o Teatro da Paz. O mercado municipal, hospitais, quartéis, cemitérios, todos resultaram da pujança da economia da borracha, que encontra seu declínio por volta de 1912, através da competição de companhias estrangeiras.

Os conflitos oligárquicos em Belém do Pará em nada diferem de outros confrontos regionais, familiares, espalhados pelo Brasil de ponta a ponta, no embalo da crise republicana, incapaz de pôr fim aos regionalismos do poder. No Pará, a ascensão de Getúlio Vargas significa a intervenção de Joaquim Magalhães Barata, aliado do grupo opositor à família Sarmiento. E eis que os remanescentes dessa família se vêem de uma posição oligárquica, advinda desde o século anterior, reduzidos a uma *classe média precarizada*, tendo como matriarca uma velha senhora

enérgica, educada na Suíça, falante fluente do francês – e será através desse conhecimento que sobreviverá, tornando-se professora local e mantendo os seus familiares – com uma vasta biblioteca em casa (cerca de 20 mil títulos), dos tempos antigos do pai, o Coronel da Guarda Nacional Joaquim José Paes Sarmiento, que ia freqüentemente à Europa e gostava de manter-se atualizado com as novidades do pensamento, mesmo que fossem de esquerda.

Essa matriarca via com bons olhos a ligação da filha – Maria Hermengarda Carvalho – com os jovens comunistas, como Pojucan Moura Tapajós, que caminhavam por Belém, à época. É o que relata seu neto, Renato Carvalho Tapajós, nascido naquela cidade, em 1943:

[...] A minha formação é meio complicada. Embora meu pai fosse comunista. Tivesse sido do Partido Comunista, eu tenha vivido numa família que tinha várias pessoas que foram militantes comunistas, certo? [...] Tinha toda uma formação, desde pequeno, muito ligada ao Marxismo. E tinha toda uma literatura marxista à vontade na biblioteca do meu pai. Curiosamente, na biblioteca do meu avô, que foi um dos oligarcas do Pará... Meu bisavô, que era o coronel [...] da Guarda Nacional e uma das figuras políticas proeminentes. Ele era um sujeito muito culto. E ele trazia da Europa os livros, inclusive os livros marxistas, os livros anarquistas etc., porque ele queria se informar de tudo que tava rolando no mundo [...] Meu bisavô foi o... o pai da minha avó. Foi o coronel Sarmiento que dominou... A política paraense no final do século XIX, comecinho do século XX [...] Esse lado oligárquico da minha família recebe dois baques fundamentais:

primeiro, por volta de por volta de 1915 por aí, entre 15 e 17. Que o grupo oligárquico do qual o meu bisavô fazia parte é derrotado politicamente no local, e os Malcher, que era o grupo rival, toma conta do estado do Pará. Então de 1917 a 1930... o pessoal da minha família fica fora do poder [...] Em 30, com a Revolução de 30, o... Getúlio nomeia prá interventor um tenente chamado Magalhães Barata, que acaba com o poder dos coronéis [...] Ou seja, a minha família além de perder a grana, perder o poder, ainda fica no desvio... (SILVA, 2008: 57-58)

Perda de poder, queda social, crise econômica, abalo do *status*, descida no desvio: a justificativa de Tapajós para a estranha união de sua família – que justificaria parte de suas opiniões *a posteriori* – está, então, no aceite de sua avó aos comunistas e na guerra regional, influenciada por fatores externos (Barata, Vargas, Malcher e crise econômica):

Então, a minha avó, como digna representante dessa oligarquia, ela tinha um profundo ódio... do Getúlio, do Magalhães Barata e de toda aquela configuração política que tinha sido responsável pela desgraça da família. Quando começa a aparecer na família os comunistas, como o meu pai etc., a minha avó acha bom, porque os comunistas são contra o Getúlio, os comunistas são contra o Magalhães Barata [...] Minha avó [...] era daquelas matriarcas autoritárias prá cacete, mas que tinha uma visão muito crítica em relação aos jovens... então quando ela tava, em locais públicos ela comentava, tal, então ela, ela... ela fazia comentários do seguinte gênero: “Olha lá fulano, filho de fulano, etc. etc., um rapaz brilhante, rico, com dinheiro, bem apessoado, pena que ele seja de direita! (SILVA, 2008:

58)

Talvez num desejo de recuperar a posição anterior, talvez com um novo projeto de intervenção social: o fato é que os comunistas representam algo novo, não só na família de Tapajós, como também no cenário político brasileiro. Belém, uma cidade que começa a se familiarizar ao cosmopolitismo das pessoas e das idéias, torna-se palco nada estranho às memórias políticas e culturais de Tapajós, como no trecho a seguir:

Eu nunca fui do Partido Comunista porque quando eu cheguei à adolescência, tanto meu pai, quanto minha tia e meu outro tio, que também eram do partido, todos já tinham saído por causa dos extermínios de Stálin, essa história toda, então eu nunca me senti, vamos dizer assim, motivado a entrar no partido [...] Nesse período, quer dizer, em que eu tava totalmente exposto a... dentro da minha própria família... ao pensamento comunista, marxista, eu li *O Manifesto Comunista* com 13 anos de idade... eu participava de reuniões, eu conheci na minha casa, dirigentes do partido, como o... João Amazonas, que era amigo do meu pai... em 57, 58. (SILVA, 2008: 59)

Aliado a isso, há uma determinação forte da cultura francesa, alicerçada na rígida educação da avó materna, que exigia de filhos e netos conhecimento invulgar da língua e literatura daquele país. A francofilia no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, nas grandes capitais, é um fenômeno que se processa até meados dos anos 1950, seja pelo ensino da língua em colégios públicos e particulares; pela divulgação de um padrão cultural dominante, pré 2ª Guerra, que se focava na França, detentora, entre outras coisas, da língua

diplomática mundial; a difusão do prestígio daquele país pelas Alianças Francesas e Centros Culturais espalhados ao redor do mundo; os colégios internos para moças e rapazes de famílias abastadas, em que o francês era a língua predominante etc.

O francês como segunda língua – ou, às vezes, a primeira – cria um padrão de pensamento, um acesso a lógicas diferentes, um bem simbólico importante na estrutura da sociedade brasileira. O caso relatado por Tapajós é um fenômeno comum – ao menos para os indivíduos provenientes de sua fração de classe:

Eu fui exposto também à cultura francesa, entendeu? Quer dizer, a minha avó fazia questão de que todos nós falássemos francês, tivéssemos uma formação, entende? [...] A cultura era coisa criada, gerada e controlada pela França, o resto do mundo, inclusive a Inglaterra era... de bárbaros, certo? [...] Em Belém, isso é muito marcado até o começo dos anos 60 [...] Com 17 anos eu fiz, eu me formei no curso de Língua e Literatura da Universidade de Nancy, dado pela Aliança Francesa, entendeu?(SILVA, 2008: 60)

A exposição, desde os sete anos, à língua e cultura francesa, exigida pela avó e subvencionada pela biblioteca e dinheiro familiares, molda, como afirma Tapajós, sua visão de mundo. Aliado a isso, a presença de comunistas na família, introduzindo-os no universo da filosofia e prática marxista, conformam um complexo caldo de cultura:

Agora, o quê isso trouxe prá mim? Me expôs muito cedo... a toda a vertente francesa da filosofia européia, quer dizer, formou o meu pensamento como um pensamento cartesiano. [...] Eu reconheço hoje em dia que o meu Marxismo... ele é

extremamente carregado de um pensamento cartesiano... que não é a mesma coisa... Quer dizer, Descartes não é a mesma coisa que Hegel... E, no entanto, na minha cabeça, o Marxismo funcionava dentro daquele universo cartesiano... (SILVA, 2008)

Essa mistura também está unida e/ou culmina com a leitura do Existencialismo ateu, de Sartre, como afirma o autor:

E em seguida, dentro dessa conexão francesa, eu li o Existencialismo... Então, com 14, 15 anos, eu comecei a devorar o Sartre, eu li Simone de Beauvoir e Sartre, que era de romances, livros mais leves etc., mesmo livros teóricos como *O Existencialismo é um Humanismo [...] O Ser e o Nada*, um pouco mais tarde, já com 20 e poucos anos [...] Eu tanto considerava o Existencialismo como uma visão de mundo extremamente correta e adequada, como o Marxismo também, quer dizer, prá mim, foi de uma perfeição histórica, ver o Sartre nas ruas, em maio de 68, apoiando os estudantes nas barricadas e vendendo o jornal maoísta, quer dizer, aquilo ali, pra mim, era, era a comprovação de que eu tava certo, de que o Marxismo e o Existencialismo casavam [...] E assim aconteceu comigo, eu acho que aconteceu com grande quantidade de jovens de classe média que tavam na Universidade, que participaram do Movimento Estudantil, que foram pra luta armada, que tinham esse par de filosofias na cabeça.(SILVA, 2008: 60-61)

No início dos anos 1960, Tapajós vem a São Paulo para estudar Engenharia, no curso da Escola Politécnica da USP. Matriculou-se e não o concluiu. Resolve fazer Ciências Sociais, aproxima-se de grupos de literatura – Poesia Concreta e

Poesia-Práxis – de discussões de cinema e ganha a vida como publicitário. Inicia sua carreira como documentarista também. São dessa época os vídeos *Vila da Barca* – premiado em 1967, no Festival de Leipzig, Alemanha –, e *Universidade em Crise* etc. Como afirma o autor:

[...] eu, eu chego ao cinema pela literatura, a minha formação é, originalmente, literária. Eu lia pra cacete quando criança, meu pai tinha uma biblioteca imensa, meu bisavô tinha uma biblioteca maior ainda, eu vivia numa casa que tinha quase 20 mil livros... então, eu li muito, eu fui uma criança muito solitária, sem muitos amigos, então eu me metia naquela biblioteca, e até os 15 anos de idade eu li coisa pra cacete. Eu li muita coisa! Quando eu vim pra São Paulo, aos 19 anos... eu nunca tinha ido no cinema. E é um momento que eu acho que tem... quer dizer, a eclosão do Cinema Novo... O Glauber tava aparecendo... Um dia, volto de férias pra Belém e vejo que o filme de que se falava há seis meses, que era *Deus e o diabo na terra do sol* tava passando no cinema de Belém, antes de estrear em São Paulo. Aí eu fui na... sessão de duas horas da tarde pra ver o filme... Eu consegui sair do... do cinema às 10 horas da noite, eu vi cinco sessões seguidas do *Deus e o diabo*... Eu fiquei, assim, fascinado, grudado na cadeira, não conseguia, sabe? Quer dizer... Decorei o filme! Aí me apaixonei pelo cinema, quer dizer, e o cinema... E eu acho que não é só uma coisa individual, é uma coisa de geração, eu acho que a minha geração foi apaixonada pelo cinema... Num momento em que a televisão não era muito significativa, não existia computador, não existia internet, não existia nada dessas coisas, o cinema era a grande linguagem...

e... e eu acho que... que isso acabou moldando uma forma de expressão que há... o meu cinema era literário e a minha literatura cinematográfica, é... porque o meu cinema é literário, se você for ver meus filmes, você vai ver que eu não sou uma pessoa que parte da imagem... A imagem é consequência. Eu parto do texto, eu parto do conceito, eu parto do discurso. Eu... Eu me preocupo muito mais com o fluxo da narrativa do que com as imagens individuais. (SILVA, 2008: 61-62)



Por conta de sua militância e atuação numa organização de orientação maoísta, a Ala Vermelha, o autor é preso e condenado a cinco anos de detenção no Presídio Tiradentes, São Paulo, entre 1969 e 1974. O livro *Em Câmara Lenta*, que seria o primeiro de um ex-guerrilheiro urbano a narrar tal experiência, e as considerações sobre o período nasce em 1973, na cadeia, em discussão coletiva com companheiros

de cela. Infelizmente, não será possível discutir o romance aqui neste artigo (SILVA, 2008).

### **A vida passando na janela ou A Idade da Razão?**

No interior de uma família mineira, em 17 de fevereiro de 1941, em Juiz de Fora, nasce aquele que seria um dos mais controversos e editorialmente bem-sucedido autor de memórias sobre a guerrilha urbana – Fernando de Paula Nagle Gabeira.

A trajetória intelectual, profissional, muitas coisas que se entrelaçam... Eu sou um cara do interior de Minas, Juiz de Fora, que é uma cidade operária, sempre foi uma cidade de indústria têxtil. Nasci e me criei num bairro operário, mas sou um cara de classe média; meu pai era um pequeno comerciante e sempre desejava que nós fôssemos muito bem-educados e tivéssemos as condições que ele não teve, quer dizer, que tivéssemos uma ascensão social que ele não conseguiu ter. Então, meu pai me preparou para ser um cara que trabalhasse no Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil naquela época era a perspectiva mais interessante que a gente tinha. Então, nesse sentido, eu sou tudo aquilo que meu pai não quis que eu fosse, entende? Quer dizer, ele dizia que detestava que as pessoas fossem poetas, jornalistas e ficassem de noite nos botequins... Eu não saía dos botequins, era poeta e jornalista... (HOLLANDA & PEREIRA, 1981: 181)

Gabeira iniciou sua carreira de jornalista ao final dos anos 1950 em Juiz de Fora, onde também se tornou secretário da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Em 1960, muda-se para o Rio de Janeiro, após uma rápida passagem por Belo Horizonte, para trabalhar como redator do *Jornal do Brasil*, num período, bem

como subsecretário de oficina do semanário *Panfleto*, que defendia as posições da ala à esquerda do PTB. Ainda no *Jornal do Brasil*, em 1964, passa a atuar no movimento sindical dos jornalistas. Numa dupla vida que, de um lado, lhe abria uma promissora carreira profissional (aos 23 anos era pauteiro e, mais tarde, foi promovido a Chefe do Departamento de Pesquisas do mesmo jornal) e, por outro, buscando uma atuação num jornal clandestino de um partido político. Gabeira opta pelo segundo, iniciando militância e atividade clandestina na Dissidência da Guanabara do Partido Comunista (DI-GB ou a *O.*, como aparece em seus livros), mais tarde Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR8, em 1969, aos 28 anos.

Num certo momento, eu chego na janela do *Jornal do Brasil*, e vejo uma manifestação de 50 estudantes andando contra o trânsito. Eu digo, “Esses caras não têm a mínima chance de vitória, mas eu sei que eles são audaciosos, não é? Poxa, 50 caras aí contra o trânsito...” Aí eu olhei prá minha redação, e estavam lá aqueles jornalistas escrevendo, já meio curvos... eu pensei... “isso aqui não tá com nada, eu vou embora”...Aí fui, descí. Eu já andava procurando contatos com o movimento estudantil e toda vez que pintava uma manifestação defronte ao *JB*, eu já ia, entende, já era normal... e com isso eu comecei a ter realmente contato com o movimento estudantil, a transar com o movimento estudantil e assim saltei de geração, porque eu sou um pouco de contrabando nessa geração de 68. Naquela época, eu já estava casado, com filhos e toda essa coisa... E me dei bem; no sentido de que quando tomei contato com o movimento estudantil, percebi que era ali que

estava se fazendo o trabalho mais sério contra a ditadura. (HOLLANDA & PEREIRA, 1981: 183-184)

Dez anos mais velho que a maioria de seus companheiros de mesma extração social, detalhe sempre apontado pelo próprio autor e por outros, o quadro de opções de Gabeira (e de outros) parece ser semelhante ao da personagem Mathieu Delorme, do romance *A Idade da Razão* (1945), início da trilogia d’*Os Caminhos da Liberdade*. Na obra de Jean-Paul Sartre, o personagem principal é um jovem professor de filosofia num liceu, em meio a questões individuais e políticas de enorme monta: entrar na Idade da Razão, assumindo suas responsabilidades, fazendo como todo cidadão de sua idade (34 anos) e classe social; ou seja: casar-se, solidificar uma carreira, ter filhos, não se envolver com política, deter uma moral burguesa ilibada etc.; ou engajar-se, por outro lado, em alguma causa, pronunciar-se publicamente pelo comunismo e pela Resistência, atuar ao lado de jovens militantes – em geral, seus alunos, com quem tem embates de diversas ordens –, enfim, escolher fazer uma traição de classe e de geração. Creio que o diálogo entre este personagem e seu irmão mais velho Jacques, o bem-sucedido a quem Mathieu pede dinheiro emprestado para pagar o aborto sua amante, Marcelle, é bastante ilustrativo sobre o quê se argumenta:

- Escuta – disse Mathieu – há um mal-entendido entre nós; pouco me importa ser ou não burguês. O que eu quero, apenas... – acabou a frase entre os dentes – é conservar a minha liberdade.

- Eu imaginava – disse Jacques – que a liberdade consistia em olhar de frente as situações em que a gente se meteu voluntariamente e

aceitar as responsabilidades. Não é, por certo tua opinião: condenas a sociedade e, entretanto, és funcionário nessa sociedade. Proclamas uma simpatia de princípio pelos comunistas, mas tens cuidado em não te comprometeres. Nunca votaste. Desprezas a classe burguesa e, no entanto, és um burguês, filho de burgueses, e vives como um burguês.

Mathieu fez um gesto, mas Jacques não se deixou interromper.

- Estás, no entanto, na idade da razão, meu caro Mathieu – disse com uma piedade ralhadora – Mas isso você também o esconde, quer fazer-se de mais moço. Aliás... talvez seja injusto. Talvez não tenhas ainda a idade da razão, é uma idade moral, a que cheguei antes de ti.

“Pronto”, pensou Mathieu, “vai-me falar de sua mocidade”. Jacques era muito orgulhoso de sua juventude, era sua garantia, permitia-lhe defender o partido da ordem em boa consciência. Durante cinco anos macaqueara com aplicação as loucuras em voga, fora surrealista, tivera algumas aventuras lisonjeiras e chegara mesmo a respirar por vezes, antes do amor, um lenço embebido em éter. Um belo dia acertara o passo. Odette trazia-lhe seiscentos mil francos de dote. Ele escrevera a Mathieu: “É preciso ter coragem de fazer como todo mundo para não ser como ninguém”. E comprara um cartório. (SARTRE, 1981: 130-131)

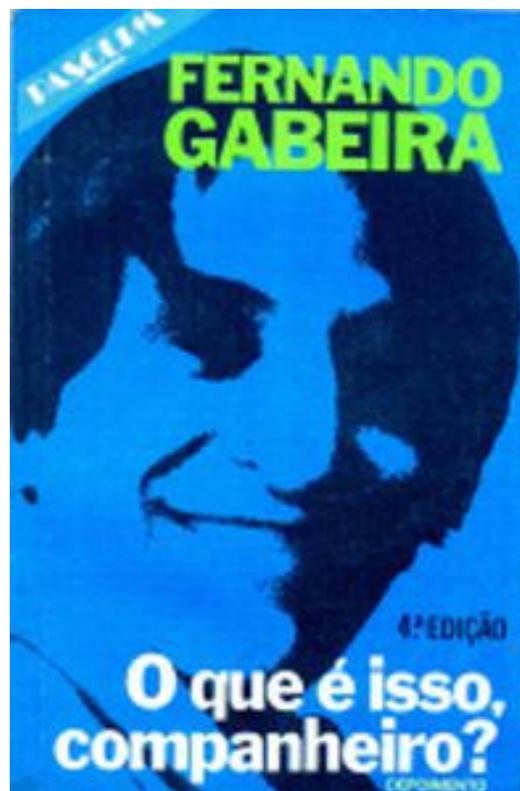
Em Gabeira, o embate pela idade da razão se processa semelhantemente a Mathieu, no excerto abaixo, em que as influências existencialistas do autor são reconhecidas:

Então, você vê, a minha trajetória assim a um nível especial é essa... um cara que era jornalista, boêmio,

líder estudantil na década de 50, que depois passa a ser um jornalista profissional nos 60 e se integra ao movimento de oposição à ditadura e à luta armada nos fins dos 60 e dos 70. Quer dizer, a trajetória intelectual não é a trajetória clássica. Eu não cheguei à luta armada através da leitura d'*O Capital* nem da leitura marxista e foram poucos os de nossa geração que chegaram à luta política e à luta armada através de uma leitura, de uma reflexão sobre os clássicos. No meu caso, a formação que eu tinha, quando ... eu lia muito, eu ia ser escritor, eu lia muito os americanos, [William] Saroian, [Ernest] Hemingway, [John] Dos Passos, todo mundo... eu era um contista em potencial e a influência filosófica sobre a nossa geração era a influência francesa do pós-guerra, ainda eram os existencialistas... Sartre e Camus. [...] Voltando à questão inicial sobre a minha trajetória, eu te diria: um cara literato, existencialista, que fez a luta armada no horizonte ainda do existencialismo, que abraçou o marxismo um tanto *post-festum*, depois de ter feito todas as cagadas decorrentes da minha incompreensão teórica. (HOLLANDA & PEREIRA, 1981:185, 187)

*O que é isso, Companheiro?*, escrito no exílio europeu, na Suécia, após um encontro casual com Ziraldo e outros jornalistas d'*O Pasquim*, em 1978, pelas ruas de Paris, procura dar conta do período compreendido entre 1964 e 1973, abrangendo sua tomada de posição até o seu primeiro momento de exílio no Chile. O livro se tornaria um sucesso, fenômeno sem precedentes e jamais repetido para os guerrilheiros que se tornaram escritores. Recebeu o primeiro Prêmio Jabuti na categoria de Memórias em 1980. Os trabalhos literários posteriores de Gabeira, todos

versando o exílio ou suas impressões sobre seu retorno ao Brasil também nunca alcançaram os mesmos índices de venda que este seu primeiro depoimento (SILVA, 2008:141-198).



### O dobrado do Barão do Rio Branco: do lacerdismo ao exílio.

Em datas diferentes aportam no Brasil, ao fim dos anos 1940, dois imigrantes poloneses, refugiados da guerra e do comunismo que ascendera naquele país. Ambos oriundos de cidades do interior da Polônia (Lodz e Pinsk, respectivamente) chegam ao Rio de Janeiro ainda na época em que a cidade era capital federal e centro de referência cultural, cosmopolita por excelência. Como se conheceram Herman Sirkis – com 31 anos, chegado em 1947 – e Liliana Sirkis – com 25 anos, em 1948, quando aportou no Brasil – é objetivamente menos importante para este artigo que o resultado dessa união: Alfredo Hélio Sirkis, nascido em 1950, naquela cidade.

Ao que parece, apesar de virem na condição de migrantes, os pais de Sirkis conseguiram estabelecer um padrão de vida razoavelmente bom, podendo propiciar ao filho único certas benesses. Como se tratam de refugiados, experimentados em dois sistemas totalitários, adquirem “[...] o descrédito por todos os sistemas de poder e um humanismo cético e apolítico, mitigado de leves simpatias pela social-democracia sueca” (SIRKIS, 1980:28), como afirma o autor em suas memórias. Essa percepção advém do fato de que Herman, judeu polonês fugido da ocupação nazista em 1939, chegou a uma região da Polônia Oriental ocupada pelo Exército Vermelho russo, ao qual foi incorporado forçosamente. Seu dever, como o de muitos outros, seria o de construir uma estrada de ferro entre Moscou e Leningrado, a golpes de picaretas. Pegara malária, passara fome e por não conseguir trabalhar, negaram-lhe comida.

O Alto Comando Soviético decidiu criar uma divisão polonesa de guerra quando eclode o conflito entre as URSS e a Alemanha. Foi o que salvara Herman Sirkis, curado e alimentado para juntar-se às fileiras do Exército Vermelho. Termina a guerra como capitão da divisão de blindados. Em 1946 chega a uma Polônia devastada e resolve fugir, não se sabe porque, exatamente para o Brasil. Liliana, também judia polonesa, filha de um dos treze mil oficiais poloneses prisioneiros e fuzilados sob as ordens de Stálin no *Massacre da Floresta de Katyn*<sup>1</sup>, sofre as ações da

---

1 Katyn: aldeia da Rússia, a oeste de Smolensk. Nas suas proximidades, os alemães descobriram, em abril de 1943, oito fossas com cadáveres de cerca de 4.500 oficiais poloneses mortos com um tiro na nuca. Os alemães acusaram os soviéticos pelo massacre, e estes responderam atribuindo à Alemanha a autoria do crime. A responsabilidade dos soviéticos,

guerra e do comunismo, quando é deportada com mãe e irmãs para a Sibéria, trabalhando cinco anos em um *kolkhoz*.<sup>2</sup> Enquanto estivera na Sibéria, as famílias judaicas de sua cidade natal – Pinsk – foram exterminadas pelos alemães (após a expulsão dos soviéticos). Daí sua decisão de emigrar.

Logo, é de se imaginar que as características do humanismo cético e apoliticismo, revelados por seu filho na imagem que montou dos pais, estão harmônicos, em certo sentido, com o período do pós-guerra do governo Eurico Gaspar Dutra, marcado por uma aversão às idéias de esquerda (1945-1950) e reverberam no estilo de educação passada para o filho:

Depois de uma bem cuidada infância no British School of Rio de Janeiro, no Anglo-Americano e todo o ginásio no Andrews, caros colégios particulares de Botafogo, de cursos na Aliança Francesa, na Cultura Inglesa e mais uns quantos professores particulares – não somos ricos, mas fazemos os sacrifícios necessários para te dar a formação que não pudemos ter, dizia ela [a mãe] –, aos dezesseis anos, por sugestão-para-o-meu-próprio-bem, fui medir-me com o temido exame de seleção do *Cap*. (SIRKIS, 1980: 20)

*Cap* é o Colégio de Aplicação, vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que alunos dos últimos anos da faculdade lecionavam, ao lado de professores mais antigos e regulares. Isso se dá no ano de 1965. A singularidade expressa por Gabeira, em suas memórias, era sua idade avançada em uma década face aos seus

---

porém, foi estabelecida posteriormente.

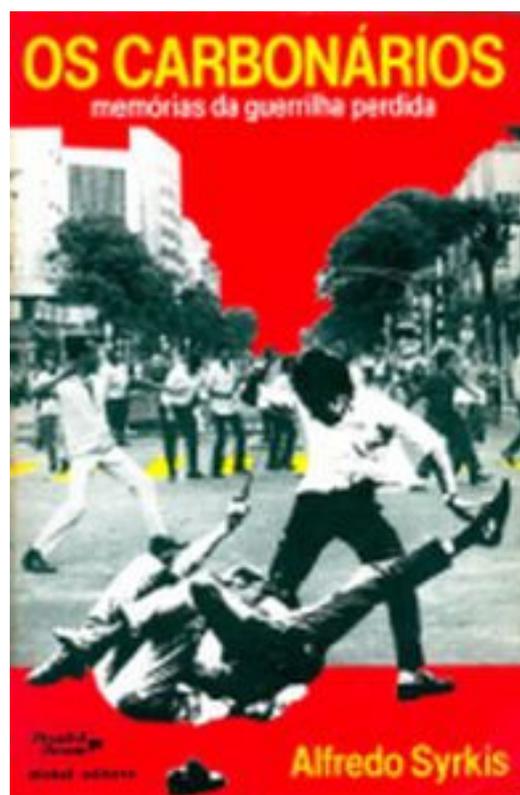
2 Kolkhoz: na antiga URSS, fazenda de propriedade coletiva, desenvolvida a partir de 1930. Tinha superfície média de 7.000 hectares.

companheiros mais jovens. A de Sirkis, como de tantos outros, estaria justamente na sua extrema juventude. Aos 14 anos, em 1964, como muitos de sua fração geracional, é um apoiador do golpe, lacerdista, liberal-conservador, com um retrato de John Kennedy estampado no quarto, o que muito orgulhava seu pai. Aos 16 anos já iniciava o caminho para o ingresso numa organização subversiva.

Por causa, até hoje acredita [seu pai], daquele maldito colégio, como diz, é que seu filho rebelde, mas no fundo bom menino e, em todo caso, sadiamente direitista, um belo dia trocou, no quarto, o retrato de John Fitzgerald Kennedy pelo de Ernesto Che Guevara. [...] Eu não era propriamente da turminha. Novo colégio, nem da esquerda era. Continuava a ser lacerdista... Depois que entrei no CAP e conheci, pela primeira vez, os “terríveis esquerdistas”, fui nuanceando os juízos [...] Revoltado com o fechamento do nosso grêmio, com a censura ao nosso jornalzinho de escola e com a supressão dos jornais-murais, eu concordava também com os objetivos daquela passeata, convocada pela UME e pela AMES, contra as condições imundas e degradantes do Calabouço, o restaurante universitário, contra os acordos MEC-USAID e o pagamento de anuidades. (SIRKIS, 1980: 21-23)

*Os Carbonários* se inicia com as lembranças do narrador em meio à sua entrada no Colégio de Aplicação da UFRJ e em fins de outubro de 1967, quando se dirige à passeata contra os acordos entre o Ministério da Educação e um órgão norte-americano (USAID), na qual morreria o estudante Édson Luís. Um narrador adolescente, no tempo das passeatas, que vai construindo suas percepções sobre os

sujeitos sociais, as alterações de espaço, de política – alterações objetivas que se confundem com a subjetividade de alguém tão jovem. Um narrador que tenta ser muito sincero e cujo autor se vale do uso de um estilo literário livre, mais despojado, em que romances escritos como um repertório do cotidiano pessoal, um inventário de fatos e situações, sem grandes ostentações e inventividades formalistas é aceitável. *Os Carbonários* foi escrito no embalo de leituras de autores convencionalmente denominados *malditos e contraculturais* como o afirma Sirkis, “[...] porque, nessa época, eu tava lendo muito [William] Burroughs, tava lendo o... [Charles] Bukowski, tava lendo o pessoal... os beat [beatniks], *On the road* [de Jack Kerouac]...” (SILVA, 2008)

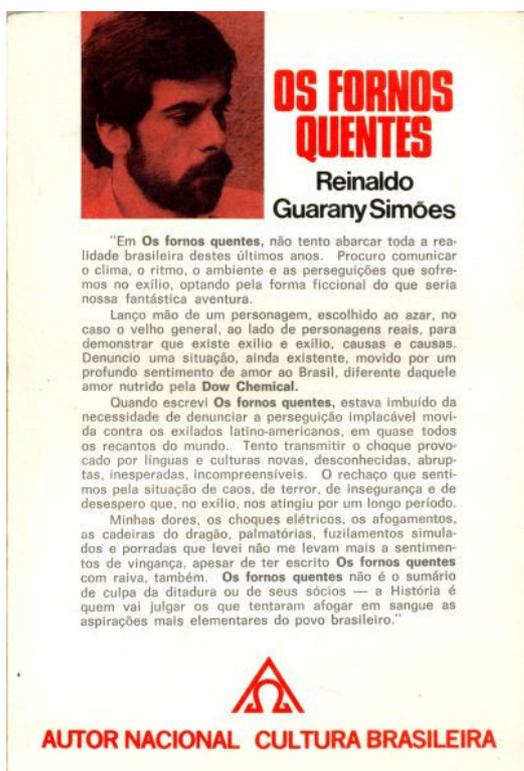


Comecei a escrever *Os Carbonários* em fins de 77, em Portugal. Concluí, já na época que ia pintar anistia, em agosto de 79 [...] De volta ao patropi reescrevi

algumas passagens depois de rever pessoas e ruas. A narrativa se refere a um período de quarenta e quatro meses, entre outubro de 67 e maio de 71. Não tenho nostalgia daqueles tempos, mas curto as vivências, os despertares, as aventuras e os “cacos de sonho onde até hoje a gente se corta”, como diz Alex [Polari], numa poesia do seu *Inventário de Cicatrizes*. [...] (SIRKIS, 1980: 10)

*Os Carbonários* foi o segundo livro de um ex-guerrilheiro a receber o Prêmio Jabuti, em 1981, tendo alcançado nove edições entre 1980 e 1984. No ano seguinte, o autor lançaria um segundo livro sobre o exílio, *Roleta Chilena* que, como seus projetos literários subseqüentes, não alcançaram o mesmo sucesso do primeiro (SILVA, 2008: 141-198).

### Vida dupla, razões múltiplas



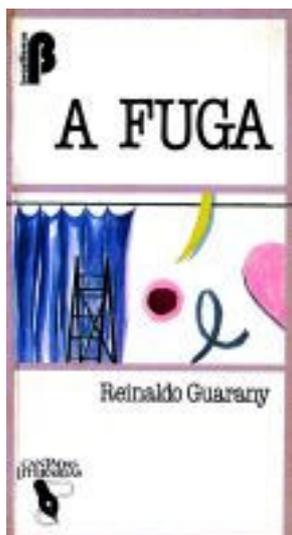
O último autor a ser comentado neste artigo, por motivos diversos, se tornou um dos menos lidos e menos criticados

em termos de análise literária e/ou acadêmica, comparado com seus pares. Um silêncio que pode se compreendido de três maneiras distintas. Primeiro, a maneira despojada, por vezes zombeteira, que, ocasionalmente, pode ser observada como um excesso de sinceridade pessoal e/ou uma máscara literária com que narra suas experiências dramáticas e a de seus companheiros. A segunda, decorrência da anterior, situa-se nas caracterizações, quer sejam das mulheres, de militantes, ou de projetos pessoais e políticos. O terceiro motivo pode ser observado numa maneira muito particular de ser, que faz, segundo a entrevista que me concedeu, Reinaldo Guarany Simões, ao mesmo tempo, um galhofeiro, uma pessoa altamente reservada e um obsessivo em tudo o que faz (como economista, tradutor de quase uma dezena de idiomas, escritor, artista plástico, fotógrafo e militante político), o que o levaria a certos exageros.

Em 05 de novembro de 1945, Oscar Simões e Margarida Souto Simões teriam seu segundo filho homem, no Rio de Janeiro, cujas memórias expressas em *Os Fornos Quentes* (romance de 1978), *O último banido* (contos, 1980) e *A Fuga* (romance, 1984), gerariam um certo grau de polêmica imediata e, depois, silêncio. Fato curioso, uma vez que *Os Fornos Quentes*, escrito na Suécia, publicado pela Editora Alfa-Ômega, se tornaria finalista do Prêmio Casa de Las Américas, de Havana, em Cuba, na categoria *Testimonio*. *A Fuga*, publicado pela Brasiliense, figuraria como o 18º título da coleção *Cantadas Literárias* daquela editora, ladeado por clássicos literários dos anos 1980, como *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu; *A teus pés*, de Ana Cristina César; *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva; e nomes como os de

Paulo Leminski (*Caprichos e Relaxos*), Francisco Alvim (*Passatempo e outros poemas*), Chacal (*Drops de Abril*), etc.

Se em *Os Fornos Quentes* se tem uma narrativa do exílio altamente fragmentada, quase incompreensível, vazada por expressões estrangeiras



mescladas ao idioma pátrio do autor, o estilo de *A Fuga* se altera, tornando-se

límpido, linear e sardônico, narrando seu ingresso na ALN do Rio de Janeiro, até seu retorno na Anistia, em 1980. Segundo a entrevista que

o autor me concedeu, tudo pode ser explicado pela sua formação. A vida dupla – estudante, pequeno administrador de dia e militante à noite –, as obsessões, a infância, a figura paterna, etc. Segundo o autor:

Primeiro, meu pai foi militante do Partidão durante algum tempo (embora tenha lido apenas a metade dos manuais, e mesmo assim de cabeça para baixo). Por isso sempre teve a preocupação de “educar” os filhos (a mim e a meu irmão, as duas irmãs foram excluídas disso) com uma visão que achava ser de esquerda: o trabalho intelectual aliado ao manual. Assim, nós estudávamos e, mais em meu caso, a partir dos 12 anos passei a trabalhar numa de suas farmácias – meu irmão também, mas pulou fora cedo. [...] Eu procurava corresponder à imagem que meu pai formulou para mim: o menino que estudava bem, era bom aluno e trabalhava. (SILVA, 2008: 95)

Até 1956, a família Simões residia em Niterói, na época, uma cidade interiorana avessa às alterações que o país sofreria na drástica urbanização e mudanças culturais dela decorrentes. Segundo o autor, a brincadeira dos meninos de Niterói era contar se algum carro passaria na rua Miguel Couto no dia. Viviam de pés no chão, viam algumas sessões de cinema – por conta de um vizinho cineclubista e amante de jazz – e avistavam a cidade do Rio de Janeiro como algo um tanto longínquo.

Num momento determinado, porém, meu pai que era alguma coisa na Johnson & Johnson, começou a abrir farmácias no Rio e a trabalhar inclusive nos fins de semana [...] Acontece que – coisa que só me ocorreu recentemente – meu pai também levava uma espécie de vida dupla, antes era executivo da Johnson & Johnson, meio militante, e tinha uma família quase-caipira em Niterói. Eu e meu irmão só usávamos sapatos para ir à escola, o resto do dia andávamos descalços, sem camisa e de calção.

E ainda:

Eu não fui camponês, mas meu pai foi filho de um proprietário em Minas (não sei de que porte), e por questões familiares ele, a mãe e os irmãos foram parar em Niterói. Por caminhos tortos, chegou no ramo farmacêutico e no Rio. A família morava em Niterói ele trabalhava e passava a maior parte do tempo no Rio. [...] Um belo dia, acho que ele ganhou mais dinheiro do que havia previsto e propôs à minha mãe a mudança para o Rio. Fomos morar num imenso apartamento na praia do Flamengo. Para mim, foi o maior choque cultural de minha vida (o segundo foi a chegada na Europa). Ao mesmo tempo, meu pai colocava a mim e a meu irmão pra trabalhar muito cedo, sem necessidade material para justificar.

[...] Essa mudança – Niterói/Rio – também significou uma mudança de classe social, já que antes nós nos inseríamos na classe da rua Miguel Couto: gente simples, que andava descalça, não tinha tevê, nem geladeira, nem carro. Agora, meu pai tinha um Dodge, televisão alemã, etc. Depois comprou um apartamento ainda maior no Flamengo, na rua Samuel Morse, com três salas e uma saleta [...]. A pseudo-formação marxista que meu pai tentou dar aos filhos homens, serviu, pelo menos, para me tornar bom leitor de livros e estudioso. Muito novo também, comecei a estudar pintura numa escolinha de artes da praia de Icaraí, acho que aos cinco ou seis anos. Na escola, eu era um bom aluno, quadrado e careta. (SILVA, 2008: 95-96)

Além do aspecto dos impactos das mudanças geográficas e de classe, o que mais chama a atenção nos excertos escolhidos é a retomada constante da figura paterna nas memórias pessoais do autor (não em seus livros, ao menos não diretamente), em geral, com sinal negativo. Restringindo-se ao âmbito sociológico, a figura paterna de Guarany, em aspectos objetivos, em determinados momentos, significará algo a ser negado. Isso pode ser ampliado como um fenômeno social maior. O militante relapso do PCB x o militante compulsivo da ALN; o executivo bem sucedido da Johnson & Johnson x aquele que abandona uma carreira como administrador de farmácias, para se tornar um *proletário intelectual*<sup>3</sup>; um semi-militante do PC nos anos 1950 x um guerrilheiro urbano

3 A expressão proletário intelectual é usada por Guarany em entrevista como forma do autor condensar a grande quantidade de atividades a que foi obrigado aprender, para poder sobreviver no exílio e no país, quando de seu retorno.

nos anos 1960 etc. Agora, membro de uma parcela de renda mais elevada da população, poder-se-ia falar em choque de projetos, onde a figura paterna, apesar de provedora, aparece como antagonista. Já como estudante secundarista, a chamada *vida dupla* de Guarany se inicia com a entrada no Ateneu São Luiz, colégio receptivo aos choques de classes sociais e de discussões políticas e culturais, segundo o autor. Sua entrada para a luta armada, segundo ele, deveu-se à precária formação marxista do pai – e, a meu ver, sua negação – e ao colégio.

No meu caso, depois de fazer parte de um grupelho semi-anarquista no secundário, com atividades esporádicas e discussões diárias, me vi chegando depois de terminar o secundário e fui resgatado por um membro do mesmo grupelho já bastante radicalizado em 68, quando entrou para a Faculdade de Economia Cândido Mendes, que era então um bastião da esquerda universitária no Rio. [...] Se você me perguntar o que, de fato, me teria levado para a esquerda clandestina, num primeiro momento, para ser honesto, eu teria de responder: não sei. Num segundo momento, tentando elaborar, posso dizer: uma série de fatores, minha formação com meu pai (hoje em dia, não nos falamos), a influência do tempo, o chamado espírito da época, o meio estudantil, os meios de comunicação... os jornais, a gozação do Stanislaw Ponte Preta, a leitura de Debray, de Nossa Luta em Sierra Madre do Che... e principalmente a mudança de cabeça provocada pela mudança que houve no processo de conurbação, etc. (SILVA, 2008: 97)

Multi-fatores e múltiplas determinações conformam o sujeito, mas em meio disso tudo existem alguns pontos em comum, anteriormente apresentados,

que mais uma vez se enunciam:

Nossa leitura foi muito mais de Sartre, [Roger] Garaudy, [Herbert] Marcuse, do que dos clássicos de Marx e Lênin; houve influência também do Cinema Novo, do cinema de Jean Luc Godard, em meu caso do cinema italiano em filmes como *Rocco e seus irmãos* [de Luchino Visconti], *A Longa Noite de Loucuras* [de Pier Paolo Pasolini], com atores como Renato Salvatore, Alain Delon, Lino Ventura, etc.(SILVA, 2008: 97)

Nesse complexo meio tempo, o autor inicia seus estudos em Direito na Faculdade Cândido Mendes, entre 1965 e 1968, simultaneamente aos de Psicologia, na Gama Filho, entre 1968 e 1969, curso que abandona pela militância na ALN. Após algumas ações armadas, em conjunto com militantes da VPR, participa do seqüestro do embaixador alemão – narrado também n’*Os Carbonários*, de Sirkis. Devido a infiltrações na organização, em agosto de 1970 é preso e enviado ao DEOPS, ao CENIMAR e ao Presídio da Ilha das Flores. Foi banido do país em 1971 e sai da prisão na ação de seqüestro do embaixador suíço.

Mas por que a forma romanesca? Muito simplesmente por uma questão de infra-estrutura. Quando escrevia (quando escrevo) coisas minhas, paro de trabalhar em outras coisas e fico sem ganhar dinheiro durante o tempo que levo para escrever [...] *A Fuga* foi assim. Eu não podia ficar um ano pesquisando, entrevistando companheiros para averiguação de dados, lendo, relendo o que escrevi, etc. Então, quando digo que o Negão Wilson bebia um garrafão de vinho de cinco litros ao almoço, se não for verdade, ele que se dane, porque afinal não estou escrevendo uma tese, um ensaio, um livro de história.(SILVA, 2008: 104)

Destarte, pode-se dizer que *A Fuga* tem um fator complicador que é o fato de ter sido escrito numa onda de sucesso das memórias guerrilheiras, visando se beneficiar daquela circunstância. O senão é que alçou tal fenômeno justamente quando ele se encontrava em seu fim. 1984 é o ano das Diretas-Já e, se no início da década a figura do guerrilheiro heróico já tinha sido substituída pela do ativista dos novos movimentos sociais e, talvez, pelo protagonismo de um outro sujeito histórico, agora, em meados dos anos 1980, as memórias dos antigos militantes aparentemente perderiam seu completo interesse (SILVA, 2008: 141-198).

#### **1977-1984: O Impacto das obras e aspectos de reconversão social de seus autores**

*Em Câmara Lenta* foi lançado em São Paulo, em maio de 1977. O lançamento, segundo o sociólogo Marcelo Ridenti, “[...] reuniu uma pequena multidão, convertendo-se num ato político.”(RIDENTI, 2000:154)

Tratava-se do primeiro livro de memórias, um romance, fruto de um militante ativo do período de desenvolvimento e fim das ações armadas e guerrilha urbana. O livro ficou pouco menos que um mês à venda nas livrarias, esgotando rapidamente sua primeira edição de três mil exemplares. Alguns de seus leitores foram membros do aparelho repressivo do Estado, particularmente da Polícia Civil do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) e do II Exército, bem como o então Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, o Coronel Antônio Erasmo Dias. Após as leituras destes últimos, em 27 de julho de 1977, no fim de tarde de uma quarta-feira, no pátio da Editora Abril, onde o autor trabalhava à ocasião,

Renato Carvalho Tapajós foi preso por investigadores do DEOPS, chefiados pelo delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Configurava-se assim o segundo caso na história editorial e literária brasileira de um autor preso pelo conteúdo de sua obra, no período republicano, expressando suas idéias na forma de um livro (o primeiro foi Monteiro Lobato).

O impacto de tal prisão e o espanto causado pelo fato podem ser sentidos pela mobilização urgente que apareceu nos órgãos de imprensa, tanto da Imprensa Alternativa como de grandes jornais e revistas. No período em que esteve preso, entre julho e agosto de 1977, mobilizaram-se diferentes setores da sociedade civil (Ordem dos Advogados do Brasil, União Brasileira de Escritores, Sindicato dos Jornalistas de São Paulo etc.), bem como intelectuais (Raimundo Faoro, Antônio Cândido, Dalmo Dallari etc.) e organismos internacionais (89 cartas oriundas de diferentes seções da Anistia Internacional, espalhadas por todos os continentes à exceção do africano) exigindo sua soltura, através de cartas e artigos endereçados aos jornais e órgãos de segurança pública.

Depois disso a trajetória de Tapajós está ligada a, pelo menos, quatro conflituosas linhas de força, naquele momento: participação na Ala Vermelha que encontra pós-cadeia(1974); documentarista do programa *Globo Repórter* (ao lado de Eduardo Coutinho, João Batista de Andrade e outros); no mesmo plano do documentário, situa-se a realização de seus trabalhos pessoais, como *Linha de Montagem* (1982); e, por fim, decorrência da presença e ligação com o Sindicato de Metalúrgicos em São Bernardo, a participação na articulação do Partido dos Trabalhadores em 1980,

tendo permanecido ligado ao partido até o fim dessa década. Segundo o autor, do papel de vanguarda, ele e sua geração passaram a coadjuvantes do processo de transformação social do Brasil (SILVA, 2008: 188-192). *Em Câmara Lenta* teve apenas duas edições publicadas (1977 e 1979).

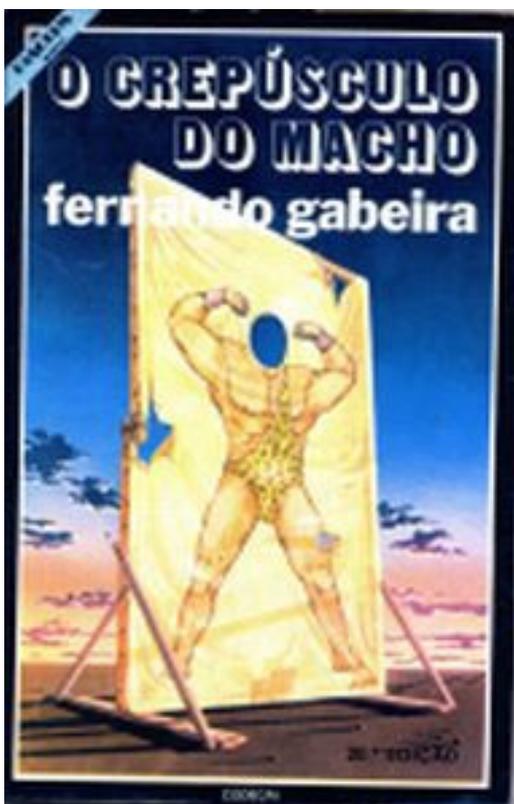
No caso de Fernando Gabeira, uma vez que o caminho para as memórias de ex-guerrilheiros estava limpo de ser caso de polícia depois de *Em Câmara Lenta*, seu primeiro relato se torna assunto pujante para discussão e atuação intelectual. O volume de páginas gastas para discutir Gabeira e/ou seus livros entre 1979 e 1981 é enorme, espalhados entre 47 matérias mapeadas em jornais, sem contar participação em programas televisivos ou radiodifundidos, discutidas em meu livro (SILVA, 2008: 159-174). Em maio de 1980, *O que é isso, companheiro?* alcança traduções com alta vendagem na França, Estados Unidos e Alemanha<sup>4</sup>, segundo a correspondente d'*O Globo*, Any Bourrier<sup>5</sup>. Uma semana antes a *Veja* anunciava a possibilidade do livro ser levado às telas do cinema naquele ano ou no próximo, tendo o cantor-ator Fábio Jr. como o personagem representando Gabeira<sup>6</sup>. Projeto que somente se concretizou 17 anos depois, com o controvertido filme de Bruno Barreto. 1980 também é o ano em que, ao lado de Fernando Sabino (categoria Romance), Modesto Carone (Contos/Crônicas/Novelas), Sebastião

4 Até maio de 1980, o original brasileiro já tinha alcançado a sua 16ª edição, vendendo 120.000 exemplares ao ano. Na França, as Éditions Métallie o lançariam em 04/09/1980, com o nome *Os guerrilheiros estão cansados*. Na Alemanha, seria a Editora Surkamp e na Itália, a Feltrinelli.

5 BOURRIER, A. "O Crepúsculo do Macho: a vida no exílio, por Fernando Gabeira". *O Globo*, Rio de Janeiro, 14/05/1980.

6 Sessão "Gente" In: *Veja*, nº 609, 07/05/1980.

Uchôa Leite (Poesia), Sérgio Buarque de Hollanda (Estudos Literários/Ensaio), dentre outros, Fernando Gabeira ganha o Prêmio Jabuti de melhor livro na categoria Biografia e/ou Memórias, por *O que é isso, Companheiro?*. Trata-se do primeiro prêmio nessa categoria conferido a um autor com a sua trajetória histórica (ex-guerrilheiro). Paulatinamente, o autor de *O que é isso, companheiro?* torna-se requisitado para tratar dos mais diferentes assuntos: política de drogas, contracultura, juventude, abertura política, liberdade para o corpo, sexo, partidos políticos. Gabeira também assume diferentes bandeiras, expondo-se de maneira sem precedentes para alguém com sua trajetória. Ao mesmo tempo, os livros que publicou após *O que é isso, Companheiro?* não conhecem o mesmo sucesso de vendas.



Três anos (1979-1982), cinco livros (*O que é isso, companheiro?*, *O Crepúsculo do Macho*, *Entradas e*

*Bandeiras*, *Hóspede da Utopia*, *Sinais de Vida no Planeta Minas*), quase meio milhão de exemplares vendidos – até 03 de outubro de 1982 contabilizava 400.000 – exposição crescente na mídia. Gabeira, a partir de seu quarto livro – o terceiro de memórias, *Entradas e Bandeiras* – passa a ser visto como uma *velha novidade* (SILVA, 2008: 159-174). Dizer que o marxismo estaria superado porque “[...] é uma doutrina que não assume qualquer compromisso com o homem que luta para preservar o meio em que vive.”<sup>7</sup> é muito mais pobre e menos consistente teoricamente que tentar politizar o direito de dispor do próprio corpo – o que o aproximaria de feministas, ativistas homossexuais e negros, por exemplo<sup>8</sup> – como é expresso em suas idéias. E formular isso num momento em que se tornaria um “fabricante de best-sellers”, como o diria Paulo Sérgio Markun<sup>9</sup> (ou seja: no ápice de uma produção de uma mercadoria cultural cujo aspecto crítico é diluído), comprometeria qualquer atuação ou guinada política séria. Isso pode explicar algumas alterações de seu discurso a seguir.

Alguns dias depois do anúncio da Lei de Anistia – 28 de agosto de 1979 – o jornal *O Movimento*, em sua edição número 218<sup>10</sup>, publica dois textos sobre uma mesma guinada política de um mesmo sujeito, representando muitos

7 O Marxismo está distante da realidade atual”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 /09/1980.

8 Entretanto, essa aproximação não ocorre, efetivamente, a não ser anos mais tarde, a partir de 1981 e 1982, quando o escritor se filia à forma política que criticava como tradicional e ultrapassada: partidos (inicialmente o Partido dos Trabalhadores e, em 1986, o Partido Verde; oscilando sempre entre os dois, a partir daí).

9 MARKUN, Paulo S. “Gabeira entre o ser e o estar”, *O Globo*, 1º/03/ 1981.

10 O PTB contra as armas” & “Os Guerrilheiros de Brizola”, *O Movimento*, São Paulo, nº 218, de 03/09/1979 a 09/09/1979, p. 07.

outros. Os textos são: “O PTB contra as armas” e “Os Guerrilheiros de Brizola”. A alteração de rumo assumida por Alfredo Hélio Sirkis torna-se alvo de discussão, especialmente pela ligação com Leonel Brizola, sua participação na reorganização do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a sua adoção de um discurso nacionalista em detrimento de suas posições anteriores. Em meio a essa mudança, o autor escreveu *Os Carbonários*, visando analisar suas experiências anteriores e se apresentar a uma nova geração de leitores e potenciais adeptos políticos. A ligação com Brizola dura pouco (até o início de 1980), bem como a refundação do PTB, nos moldes de um partido que congregasse uma massa de antigos ativistas, querendo ser vanguarda de mudanças sociais, conhece o insucesso (cf. SILVA, 2008: 174-184).

No entanto, no segundo semestre de 1981, *Os Carbonários* é premiado com o segundo Jabuti concedido às memórias de um ex-guerrilheiro. Na década de 1980, Sirkis tentaria empreender carreira como escritor, lançando um segundo livro de memórias (*Roleta Chilena*, 1982) e ficcionais (como *Corredor Polônês* e *Silicone 21*), que não repetiram o mesmo sucesso de seu primeiro trabalho. Nessa década também, ele e Gabeira possuem trajetórias semelhantes, que não poderão ser exploradas aqui, mas passam por uma aproximação inicial com o Partido dos Trabalhadores, ligação com o Movimento Ambientalista e posterior fundação do Partido Verde, em 1986, ao qual ambos ainda estão filiados. Vale lembrar que no chamado *verão da abertura*, especialmente Gabeira, criticava duramente a forma política dos partidos; e, Sirkis, propunha uma renovação das estruturas político-partidárias. O processo de reconversão

social para esses dois autores e ativistas, na ligação com outros sujeitos sociais no começo da década de 1980, provocam alterações sensíveis em seus discursos presentes, inclusive, nos livros que os projetaram ao fim dos anos 1970.

Já Reinaldo Guarany retorna ao Brasil no começo do ano de 1980, tendo retardado sua volta por desconfiar da Abertura e das intenções dos atores políticos que a promoviam. O autor vivia e trabalhava como proletário na Suécia e, por vários motivos, considerava sua situação naquele país, de certa maneira, confortável, embora tenha decidido retornar. Queria ser escritor e usar como matéria literária sua experiência vivida no exílio. Seus trabalhos mais conhecidos – embora, comparativamente aos outros três autores sejam os menos discutidos – são *Os Fornos Quentes* e *A Fuga*. Liga-se ao MDB, PT e PSB na década de 1980, não se fixando em nenhum dos partidos, por discordar de suas formas de atuação política. Guarany atualmente é artista plástico no Rio de Janeiro.

As memórias dos autores, reelaboradas literariamente em seus romances, depoimentos e ficções políticas, bem como a recepção à publicação das mesmas, são a porta de entrada privilegiada para se analisar um período de extrema importância para a vida política e social brasileira, em âmbito mais geral. No particular, elas permitem observar o itinerário político e cultural de uma fração geracional específica, que alçou a posição de vanguarda de um processo social dramático, entre o fim dos anos 1960 e 1970. E que ao final dessa última década teve que se colocar em compasso com uma realidade estranha e com sujeitos sociais novos protagonizando interesses, por vezes, diversos dos que defendiam dez anos antes.

**Referências**

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Codecri, 1979

GUARANY, Reinaldo. *Os Fornos Quentes*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984.

HOLLANDA, Heloisa B. De & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas (marca reg.): arte e engajamento em debate*, São Paulo: Brasiliense, 1981

RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo*

*Brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão*, São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *Os Escritores da Guerrilha Urbana: Literatura de Testemunho, Ambivalência e Transição Política (1977-1984)*, São Paulo: Fapesp/ Annablume, 2008

SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Global, 1980

TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.



\* **MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA** é Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp). Este artigo é uma compilação de idéias presentes no livro de sua autoria: *Os Escritores da Guerrilha Urbana: Literatura de Testemunho, Ambivalência e Transição Política (1977-1984)*, São Paulo: FAPESP/ Annablume, 2008. Contato: [marioaugustomed@yahoo.com.br](mailto:marioaugustomed@yahoo.com.br)